

O CONTRA-ATAQUE: UMA EXPERIÊNCIA DE REINVENÇÃO DE OBJETOS E MANIPULAÇÃO DE IMAGENS POR VIA DA PUBLICAÇÃO

JESIEL ROCHA LOFHAGEN¹; HELENE GOMES SACCO²

¹UFPEl – jesiel.r.lofhagen@gmail.com

²UFPEl – sacco.h@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O presente texto é resultado de uma investigação em torno da publicação artística de minha autoria *O CONTRA-ATAQUE*, desenvolvida no interior do Projeto Unificado Lugares-Livro: dimensões poéticas e materiais do CA/UFPEL, coordenado pela Profa. Dra. Helene Gomes Sacco. Este projeto visa fomentar a criação de publicações artísticas variadas, como cartazes, posters, postais, panfletos e até livros, entendidos como objetos de arte, com o intuito de proporcionar aos estudantes participantes a compreensão da página como espaço possível de atuação, os livros como lugares, e a escrita de cada um, a matéria de sua arte. Sou bolsista no projeto e venho acompanhando os processos e investigações, o que tem me motivado muito ao campo da pesquisa em arte, quanto às possibilidades infinitas no campo da publicação artística. Dessa forma, este resumo é a oportunidade de ensaiar outras formas de olhar para o que estou fazendo como pesquisador-estudante-artista, ao realizar um levantamento de referenciais artísticos e teóricos na procura de traçar um diálogo sobre questões pontuais do meu trabalho. Entre elas a apropriação e a fabulação no uso de imagens, objetos e narrativas. Recorro aos autores AUSTER (1999), MÖGLIN-DELCROIX (2015) e BOURRIAUD (2009).

2. METODOLOGIA

Utilizo a metodologia de pesquisa em poéticas visuais (REY, 1997) que parte da observação do processo de criação, sem separar a teoria da prática. Recorre à observação de conceitos operatórios, às recorrências temáticas e imagéticas no interior do processo de criação, fazendo da prática artística um instrumento que aponta os caminhos para os mergulhos teóricos que alimentam o processo de trabalho.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A concepção do *Guarda-chuva Ofensivo*, objeto inventado para o trabalho em questão foi engatilhada a partir da seguinte experiência: estou eu e meu guarda-chuva saindo de casa num dia chuvoso, porém, assim que chego na primeira esquina os ventos que até o momento eram imperceptíveis de súbito destroçam e inutilizam o guarda-chuva. Aqui vale explicar a natureza dos ventos desta cidade em que vivo, Pelotas - RS, uma cidade de ruas perfeitamente paralelas perpassadas por ruas também perfeitamente paralelas, uma vastidão quadriculada, e por conta disso, existem grandes áreas em linha reta sem qualquer obstáculo reverente, ali o vento pode se propagar por longas distâncias, basta que a direção deste e do curso da rua sejam o mesmo. O que aconteceu portanto foi o seguinte, eu estava em uma rua onde os ventos que vinham da

minha esquerda para a minha direita, barrados pelos edifícios se limitavam a incomodar talvez os passarinhos perdidos lá no alto, quando porém, botei o meu primeiro pé no espaço compartilhado pela rua em questão e aquela que a corta transversalmente, recebi todo o vento acumulado desde a casa nº 0. Não houve misericórdia! De um instante para outro o guarda-chuva ficou assim, invertido, espichado e com pouquíssima estrutura. Depois do natural desgosto, notei que a transformação ocorrida era deveras curiosa, este objeto que visa proteger seus donos da chuva, funciona como um escudo a defender-nos da natureza, então vê-lo ao contrário me pareceu no momento como uma resposta ao ataque, afinal assim como um guarda-chuva invertido perde sua identidade de escudo, no sentido semântico e simbólico da coisa, deixa também de ser um objeto de defesa, se torna portanto uma ferramenta de ataque. É de semelhante maneira que Paul Auster em seu romance nos convida a olhar para as coisas:

“(...) o que acontece quando uma coisa já não desempenha mais sua função? Ainda é a mesma ou se transformou em outra coisa? Quando você rasga o pano do guarda-chuva, ele ainda é um guarda-chuva? Você abre as varetas, ergue a armação acima da cabeça, caminha debaixo da chuva e fica todo ensofado. É possível continuar a chamar esse objeto de guarda-chuva? Em geral, as pessoas fazem isso. No máximo, dirão que o guarda-chuva está quebrado. Para mim isso constitui um erro sério, a fonte de todos os nossos problemas.” (AUSTER, 1999, p. 105)

A união destes dois conceitos, guarda-chuva e ataque (porque todo objeto é também um conceito), eu inventei um outro, o *Guarda-chuva Ofensivo*, este desdobramento que inicia a produção da publicação artística *O CONTRA-ATAQUE*.

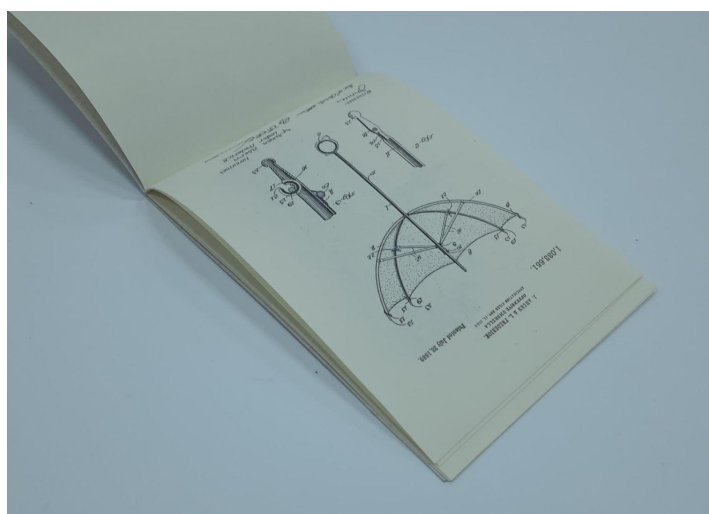
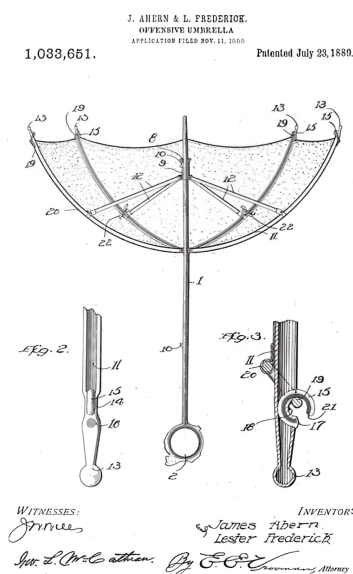


Fig. 1 e 2. Registros da publicação *O CONTRA-ATAQUE*. 2024

Escolhi o espaço da publicação por percebê-lo como adequado para a criação de fantasias, pois recorre à cultura literária, onde costuma ser o local designado para este tipo de invenções, ademais, o papel tudo permite, não possui

gravidade nem restrições físicas, nada mais natural portanto, que usufruí-lo como espaço de arte.

“Quando dizemos “espaço alternativo”, dizemos crítica do espaço convencional para a apresentação de arte, e por outro lado, invenção de um novo espaço que não toma o seu lugar, mas se situa ao lado, como um desvio em uma rodovia. Tal espaço tem uma relação próxima com a utopia. Diferente do que se pensa, utopia não era originalmente uma noção temporal que se referia a imaginar o futuro, mas uma noção espacial, de fato, uma noção geográfica.” (MCEGLIN-DELCROIX, 2015, p. 163)

O *CONTRA-ATAQUE* é um livro de 12 páginas composto em essência a partir de uma patente (Fig. 1 e 2) de guarda-chuva alterada e montagens fotográficas. A patente original sofreu as seguintes mudanças: o ano de registro foi de 1912 para 1889, o nome, anteriormente apenas *Umbrella*, passou a ser *Offensive Umbrella* (Guarda-chuva Ofensivo), e a parte superior do guarda-chuva foi invertida de ponta-cabeça.

As imagens fotográficas são todas do século XIX retratando grandes metrópoles europeias. O ano original da patente foi alterado para o ano em que a Torre Eiffel foi inaugurada, arquitetura presente em uma das fotografias selecionadas (Fig. 3 e 4), assim, pude evitar incongruências históricas e trazer todos os acontecimentos presentes no livreto para um momento em comum. A decisão por utilizar somente cidades europeias permitiu um distanciamento histórico entre o conto e o leitor, também se pôde, por conta da tecnologia da época, quando o filme fotográfico precisava ser exposto por muito mais tempo à luz, acessar estas populosas cidades sem capturar uma viva alma, pois apenas os objetos imóveis refletiram luz o suficiente para eternizar no papel. Este estranho vazio contribuiu para gerar uma vaga sensação de perigo à espreita, uma calamidade em curso. Após a escolha das imagens, cada uma passou por um processo de pós-produção e a adição dos *Guarda-chuvas Ofensivos*, dispostos organicamente sobre o céu, como uma chuva ao contrário.



Fig. 3 e 4. Registros da publicação *O CONTRA-ATAQUE*. 2024

O trabalho por inteiro é tomado de apropriações, gesto de criação recorrente da prática artística atual.

“Os artistas atuais não compõem, mas programam formas, em vez de transfigurar um elemento bruto, eles utilizam o dado. Evoluindo num universo de produtos à venda, de formas preexistentes,” ...
“eles não consideram mais o campo artístico como um museu

com obras que devem ser citadas ou “superadas”, como pretendia a ideologia modernista do novo, mas sim como uma loja de ferramentas para usar” (BOURRIAUD, 2009, p. 13)

Nicolas Bourriaud em seu livro *Pós-produção*, faz a relação entre o fazer artístico com aquele do DJ, que coleta e mixa conteúdos pré-existentes. Este modelo afirma que não apenas a produção possui valor, mas também a relação de troca, por conta disto, o conteúdo disponível no mundo passa a ser criticado, recodificado, ressignificado, agimos sobre as imagens, e assim não atuamos tão passivamente perante a avalanche de informações cotidianas.

Posterior ao término da publicação, me deparei com um trabalho artístico que carrega uma divagação semelhante. *O Atirador de Guarda-chuvas* (1999) de Edmilson Vasconcelos (Fig. 5), retrata um personagem que ao invés de uma flecha, tenciona um arco com um guarda-chuva, apontando-o para cima. Aqui ocorre o mesmo humor gerado por dois absurdos, o primeiro é o guarda-chuva cumprindo o papel completamente oposto ao que lhe foi designado, o segundo é o ato quixotiano de lutar contra moinhos de vento, no sentido de atacar inimigos imaginários ou de realizar esforços em vão.



Fig. 5. O Atirador de Guarda-chuvas de Edmilson Vasconcelos. 1999

4. CONCLUSÕES

Por meio das investigações aqui expressas, foi possível adquirir uma maior consciência das características marcantes de meu próprio trabalho, sendo estas, o humor, a fantasia, a mixagem de conteúdo pré-existente e a nomeação como um gesto criador. Também construí um diálogo com o trabalho de outros artistas assim, me exponho não como uma ilha isolada, mas em margem confluyente.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BOURRIAUD, N. **Pós-Produção**. São Paulo: Martins Fontes, 2009.
- AUSTER, P. **A Trilogia de Nova York**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- MÖGLIN-DELCROIX, A. Pequenos livros & outras pequenas publicações. **Revista-Valise**, Porto Alegre, v. 5, n. 9, p. 161 – p. 165, 2015.
- REY, S. Da prática à teoria: três instâncias metodológicas sobre a pesquisa em Poéticas Visuais. **Revista Porto Arte**, Porto Alegre, v. 9, n.13, p. 82 – p. 95, 1997.